

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO TRABALHO EDUCATIVO COM BEBÊS NOS CEIMs DE LINHARES-ES: A DOCÊNCIA EM FOCO¹

Márcia Perini VALLE²

Professora do Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior de Linhares
Mestre em Educação, Administração e Comunicação pela Universidade São Marcos/SP

Mariana Nogueira da CRUZ³

Graduada em Pedagogia / Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli)

Thaís Reis BAZILIO⁴

Graduada em Pedagogia / Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli)

RESUMO

Este estudo tem, como objetivo geral, analisar os desafios e as perspectivas no trabalho educativo com bebês, focando na docência em escolas da Educação Infantil da rede municipal de ensino de Linhares-ES. A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa e utiliza, como instrumento para a coleta de dados, entrevista com professores de três escolas da rede municipal de ensino de Linhares-ES e observação nas turmas desses mesmos professores. Os resultados indicam que existem poucos recursos para o trabalho, assim como poucos cursos específicos para aprimorar o trabalho com as turmas nessa faixa etária. Os participantes pesquisados elencaram que a maioria das famílias percebem o professor como o cuidador.

Palavras-chave: Professores. Trabalho Educativo com Bebês. Educação Infantil.

CHALLENGES AND POSSIBILITIES IN THE EDUCATIONAL WORK WITH BABIES IN THE CEIMs OF LINHARES-ES: TEACHING IN FOCUS

ABSTRACT

This study has, as a general objective, to analyze the challenges and perspectives in the educational work with babies, focusing on teaching in schools of Early Childhood Education of the municipal school network of Linhares-ES. The research presents a qualitative approach and uses, as an instrument for data collection, interview with teachers from three schools of the municipal school network of Linhares-ES and observation in the classes of these same teachers. The results indicate that there are few resources for the work, as well as few specific courses to improve the work with the classes in this age group. The participants surveyed listed that most families perceive the teacher as the caregiver.

Keywords: Teachers. Educational Work with Babies. Child education.

Introdução

O interesse pelo tema de pesquisa surgiu da trajetória das pesquisadoras como estudantes do curso de Pedagogia por intermédio de aulas práticas e estágios obrigatórios

¹ Artigo resultante do Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli), estado do Espírito Santo.

² Endereço eletrônico: marciapvalle@gmail.com

³ Endereço eletrônico: mariananogueiradacruz@gmail.com

⁴ Endereço eletrônico: thais.bazilio.reis@gmail.com

com os bebês. Diante dessas experiências e das muitas inquietações acerca do trabalho, suscita-se o seguinte questionamento científico: Quais são os desafios e possibilidades encontrados pelos docentes no trabalho educativo com os bebês na rede municipal de Linhares-ES?

Mesmo sendo um ambiente de caráter educativo, a creche ainda encontra percalços. Assim, a integração dela ao sistema educacional não fez com que suas especificidades fossem evidenciadas, o que coloca o trabalho com as crianças dessa faixa etária sob um olhar excludente. Esse segmento da educação ainda é visto como um espaço no qual o processo de ensino e aprendizagem não ocorre, tendo por muito tempo, o caráter educativo negado. Ao reafirmar essa etapa como o caminho inicial da vida estudantil da criança, mais especificamente no trabalho com os bebês, é que se percebe como o caráter assistencialista ainda é associada a ela por grande parte da população.

Nesse processo, o ato de cuidar e educar andam juntos e torna o trabalho com os bebês desafiador, o que é evidenciado também pelo fato de os profissionais da educação não encontrarem formas claras e evidentes de como conciliar o aprendizado ao cuidado e, por fim, sobressai o papel de professor como cuidador. Dessa forma, compreender como esses profissionais lidam com os diversos desafios no dia a dia e como são vistos e entendidos pela sociedade se mostra importante para responder possíveis questionamentos a respeito do trabalho deles.

Sendo assim, este estudo teve o objetivo de analisar os desafios e as perspectivas no trabalho educativo com os bebês em escolas da Educação Infantil da rede municipal de ensino de Linhares-ES. Com o propósito de alcançar os objetivos em relação ao tema, esta pesquisa utilizou entrevista com professores das turmas de berçário da rede municipal de ensino de Linhares-ES e observação do cotidiano escolar das turmas desses professores, o que viabilizou entender esta forma de pesquisa como uma das possibilidades de analisar dados e fatos de forma qualitativa.

Metodologia

A coleta de dados se deu em três Centros de Educação Infantil Municipal (CEIMs) de Linhares-ES por meio de entrevista com professores das turmas de berçário e observação do cotidiano escolar das turmas dos referidos professores. A pesquisa foi iniciada com a solicitação da autorização formal das escolas e da coordenação do curso de Pedagogia da Faceli, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE), para participação em pesquisa. O Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Faceli está em processo de implementação, por isso não foi possível seu parecer nesta pesquisa.

Mediante a autorização, os profissionais foram convidados a participar do processo e, quando houve a aceitação, a entrevista foi realizada contendo dezessete perguntas. Os profissionais participantes foram informados sobre os fins acadêmicos a que a pesquisa se destinava e que os dados coletados estariam mantidos em sigilo.

As entrevistas com as professoras foram realizadas de forma individual no mês de outubro/2023. Elas foram gravadas em áudio e transcritas pelas pesquisadoras. As observações foram realizadas nas turmas seguindo um roteiro previamente estabelecido. Entende-se essa forma de pesquisa como uma das possibilidades de análise qualitativa de dados e fatos. Após a coleta, os dados foram apresentados e analisados com base no referencial teórico deste estudo.

O trabalho com bebês na Educação Infantil

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs), a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter, como objetivo, garantir à criança o acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens (Brasil, 2010). Assim, as crianças precisam ter oportunidades não só do cuidado, mas também de utilização, atualização e expressão de conhecimentos por intermédio de diferentes linguagens.

Maluf (2014) argumenta que, se a instituição de Educação Infantil pode proporcionar à criança pequena um espaço com muitas atividades lúdicas, estará propiciando melhores condições para que ela seja apta a, em diferentes circunstâncias, aprender por si mesma, conhecendo as próprias capacidades e limitações.

Para Barbosa (2010, p.2):

Durante muitos anos, os bebês foram descritos e definidos principalmente por suas fragilidades, suas incapacidades e sua imaturidade. Nos últimos anos, porém, as pesquisas vêm demonstrando as inúmeras capacidades dos bebês. Temos um conhecimento cada vez maior acerca da complexidade de sua herança genética, de seus reflexos, de suas competências sensoriais e, para além de suas capacidades orgânicas, aprendemos que os bebês também são pessoas potentes no campo das relações sociais e da cognição. Eles são dotados de um corpo no qual o afeto, intelecto e motricidade estão profundamente conectados, e é a forma particular como esses elementos se articulam que vai definindo as singularidades de cada indivíduo ao

longo de sua história. Cada bebê tem um ritmo pessoal, uma forma de ser e de se comunicar.

Dessa forma, por serem os bebês sujeitos únicos que aprendem com tudo e todos em sua volta, cabe aos profissionais que lidam com eles, no dia a dia, acolher e respeitar de forma que isso ajude a evidenciar as potencialidades proporcionadas por eles, o que deve levar em consideração as particularidades e os elementos que podem contribuir para a descoberta de um mundo novo, até então por eles desconhecido.

Do mesmo modo, ressalta-se que o desenvolvimento dos bebês é importante para entender as múltiplas experiências do nascimento até a fase escolar e que são cruciais para projetar estímulos que ajudam a descobrir o próprio corpo e o mundo ao seu redor. Segundo Hai (2018), o cérebro possui plasticidade, materializado na habilidade de, continuamente, mudar em resposta aos estímulos que recebe do ambiente. Sendo assim, é necessário entender a capacidade do cérebro de se ajustar aos mais diversos estímulos e aprendizagens nessa fase da vida.

Bee e Boyd afirmam que (2011, p.452),

O bebê continua a construir gradualmente esse conjunto de novas habilidades. Aprender algumas palavras faladas, aprender a caminhar, consolidar o apego básico, até algum momento entre os 18 e os 24 meses, em cujo ponto a linguagem e o desenvolvimento cognitivo da criança parecem dar outro salto importante adiante.

O desenvolvimento da linguagem é outro ponto importante nesse processo de desenvolvimento, visto que os bebês se utilizam do choro como principal ferramenta de comunicação no primeiro ano de vida. As interações e o ambiente em que vivem são responsáveis por lhes fornecerem oportunidades no desenvolvimento da linguagem “[...] uma vez que tenha aprendido as primeiras palavras, o bebê inicia o trabalho de identificar ligações específicas entre palavras e objetos ou ações que elas representam” (Bee; Boyd, 2011, p.231).

Segundo Bee e Boyd (2011), as habilidades motoras do bebê surgem gradualmente nas primeiras semanas. Com um mês, um bebê consegue levantar o queixo do chão ou do colchão. Aos dois meses, ele pode manter a cabeça firme enquanto está sendo segurado e também começa a estender a mão para objetos perto dele.

Piaget supõe que o bebê assimila informação dentro da série limitada de esquemas sensoriais e motores com os quais ele nasceu, tais como: olhar, escutar, sugar e agarrar.

Assim, acomoda esses esquemas com base nestas experiências. Esse é o ponto de partida para todo o processo de desenvolvimento cognitivo (Bee; Boyd, 2011).

De acordo com Bee e Boyd (2011), as pesquisas sugerem que os bebês começam a prestar atenção a sinais sociais e emocionais no rosto das pessoas em torno dos dois ou três meses. Crianças dessa idade também começam a perceber e a responder, de forma diferente, a variações nas expressões emocionais dos outros. Inicialmente, eles discriminam melhor as emoções quando recebem informação por meio de muitos canais simultaneamente.

Sendo assim, a cognição social, para os pequenos, é refletir e entender as emoções como também meditar as interações e os relacionamentos entre as pessoas. A capacidade emergente do bebê em reconhecer indivíduos e usar expressões faciais ou outra linguagem corporal para referenciamento social é um tipo de cognição social, assim como o crescente entendimento das emoções dos outros e do desenvolvimento de uma teoria da mente, nos anos pré-escolares (Bee; Boyd, 2011).

Barbosa e Richter (2013) afirmam que estar com os bebês e ser professora deles exige uma formação mais específica que considere também a experiência lúdica de aprender, como selecionar e contar histórias, conhecer e vocalizar poemas, cantar, dançar, pintar, desenhar e também refletir sobre como se convida um bebê a segurar sua própria colher para comer com independência.

Conforme Barbosa (2010), para os bebês, a ida à creche significa a ampliação dos contatos com o mundo físico e social. Por outro lado, para os adultos responsáveis pela educação das crianças na creche, significa selecionar, refletir e organizar a vida na escola com práticas sociais que evidenciam os modos como os professores compreendem o patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico e os modos como traduzem, no exercício da docência, as propostas pedagógicas.

Flores (2000, p.66), em um estudo que tinha como foco, professores de berçário em que foram discutidas as relações de gênero e as de classe na Educação Infantil, levanta o apontamento de que há “[...] certa complexidade em definir as atribuições pedagógicas da educadora de bebês”. Em um outro momento, afirma que “[...] a prática pedagógica junto às crianças de berçário configura-se, também, em espaço de busca da construção de uma identidade própria para se fazer” (Flores, 2000, p.176).

Uma especificidade pedagógica realizada junto a essas crianças é a da centralidade das brincadeiras e das relações sociais. É uma prática que torna imprescindível possibilitar encontros e visibilizar os modos e as diversas formas de relacionamento que se

estabelecem entre as pessoas. Educar bebês não significa apenas a constituição e a aplicação de um projeto pedagógico objetivo, mas implica em colocar-se, física e emocionalmente, à disposição deles, o que exige dos adultos comprometimento e responsabilidade (Barbosa, 2010).

Fochi (2018) diz que uma das formas do professor intervir é o modo como ele planeja e organiza os espaços e materiais. A organização dos espaços deve ser no sentido de garantir que os bebês possam criar suas próprias atividades, partindo especialmente do modo como exploram e percebem o corpo no espaço. Assim, a seleção dos materiais pode possuir uma riqueza de informações, pela variedade da fisicalidade deles.

O papel do professor no berçário: desafios e possibilidades

As novas DCNEIs apresentam e defendem uma concepção de sociedade, de educação e de infância que deve ser adotada pelos sistemas educacionais na orientação das políticas públicas de Educação Infantil, porém elas precisam também estar presentes como fundamentação da organização do cotidiano das escolas infantis. Os serviços de Educação Infantil podem, a partir das concepções presentes nas diretrizes, revisar e reelaborar seus planejamentos, além de avaliar suas propostas pedagógicas e curriculares (Barbosa, 2010).

Para Barbosa (2010), os adultos são responsáveis pela educação dos bebês, mas, para compreendê-los, é preciso estar com eles, observar, “escutar as suas vozes”, acompanhar os seus corpos. O professor acolhe, sustenta e desafia as crianças para que elas participem de um percurso de vida compartilhado e, continuamente, o professor precisa observar e realizar intervenções, avaliar e adequar a proposta às necessidades, desejos e potencialidades do grupo de crianças e de cada uma delas em particular.

A profissão de professora na creche não é, como muitos acreditam, apenas a continuidade dos fazeres “maternos”, mas uma construção de profissionalização que exige uma competência teórica, metodológica e relacional. Ademais, o cuidar sempre esteve presente no espaço da creche e a transição desse espaço para o âmbito educacional não apagou o fato desses profissionais deixarem de ser vistos como meros cuidadores, seja dentro do próprio ambiente de trabalho ou fora dele, quando a sociedade continua por atrelar a profissão ao simples ato de cuidar.

Durante muitos anos esse trabalho foi realizado por profissionais sem formação específica, pois a educação e o cuidado de crianças não eram

vistos como tarefa e responsabilidade educacional, apenas como um direito assistencial das famílias (Barbosa, 2009).

O trabalho com essa faixa etária na Educação Infantil foi, por muito tempo, colocado em segundo plano e, conseqüentemente, o profissional que trabalha com ela e as práticas educativas dele se tornaram invisíveis, como afirma Secanechia (*apud* Bahia; Mochiutti, 2011, p.84), “[...] tem se observado que as instituições de Ensino Superior e seus professores ainda lidam com a educação da criança em creche como tema de segunda ordem”. Observa-se, no entanto, que o trabalho desses profissionais é marcado por incertezas e dúvidas, uma vez que a falta de uma formação mais específica para o trabalho não é tratada durante a graduação e nem após ela.

De acordo com Bahia, Mochiutti e Trindade (2020, p.73.246):

É perceptível, no entanto, que apesar dos progressos alcançados legalmente por meio de documentos oficiais e leis, ou mesmo pela produção de conhecimento na área, de um modo geral, ainda existe um distanciamento entre as conquistas legais e políticas e as práticas que são efetivadas no cotidiano das instituições.

A ausência de uma formação ligada às particularidades dessa faixa etária afetam, diretamente, as práticas pedagógicas desses profissionais. A formação deve ser pautada nas múltiplas possibilidades que as aprendizagens podem proporcionar em um currículo que esteja pautado em experiências significativas e que se articule com o cotidiano da criança. Bahia, Mochiutti e Trindade (2020, p.73.246) dizem que:

Este caminho não está pronto, portanto, precisa ser construído a partir de uma sólida formação teórico-prática, de modo que os atos pedagógicos possam produzir significados para os pequenos e, as professoras por sua vez, possam extrair sentido do que está sendo proporcionado aos bebês.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda que:

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento integral das crianças, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social (Brasil, 2017, p.37).

Ao procurarem situações diversas, os educadores percebem muitas capacidades, interesses e necessidades das crianças e podem proporcionar-lhes oportunidades para se

desenvolverem plenamente. Do mesmo modo, dar importância às especificidades dessa faixa etária, faz com que o docente seja responsável por direcionar, dentro do espaço educacional, um desenvolvimento integral voltado para as descobertas acerca do mundo em que o bebê está inserido.

Dessa forma, Ávila (2018) afirma:

Um currículo voltado para os bebês e as crianças bem pequenas deve ser pautado nas relações, nas brincadeiras, nas interações e nas experiências, de acordo com as concepções contemporâneas sobre bebês, infância, aprendizagem e a educação.

O professor deve ser mediador diante as interações e descobertas dos bebês dentro do espaço educacional, ainda que o cuidar esteja presente no trabalho desses profissionais. Entende-se que a busca por práticas pedagógicas diferentes das convencionais devem ser elaboradas para melhor trabalhar as potencialidades daqueles que ali frequentam. Assim, “[...]é imprescindível que o professor tenha pleno conhecimento do desenvolvimento infantil, do que acontece com o bebê nesse período e quais as mudanças ocorridas nessa faixa etária [...]” (Nascimento; Lira, 2018, p.112).

Segundo Santos (2013), os bebês podem explorar diferentes materiais e objetos por meio das brincadeiras espontâneas e de outras situações planejadas pelo professor. O importante é que eles possam ter, diariamente, essa possibilidade assegurada para fazer suas explorações, tanto na sala de referência, quanto nos espaços externos da instituição (pátio, *playground*, solário, horta).

Dessa forma, entende-se que o trabalho pedagógico com bebês requer intencionalidades responsáveis por desvincular a imagem do professor como cuidador. Para Martins Filho (2016, p.23) “[...] as professoras de bebês, historicamente, são aquelas a quem a sociedade reconhece com menos poder e, conseqüentemente, aquelas cujas vozes têm sido menos escutadas”.

Diante dessa questão, vale ressaltar a importância do papel docente frente às relações com os bebês, uma vez que é o profissional responsável por entender aquela pequena criança frente às novas descobertas em um ambiente desconhecido. O cuidar e o educar passam entre si, um não é mais importante que o outro, mas se complementam, andam lado a lado. Cabe ao professor, ali presente, entender como poderá contribuir para que aquelas crianças possam ter vivências significativas, respeitando sua individualidade e como romper com metodologias tradicionais.

Resultados e discussões

Para melhor análise dos dados, é importante apontar o contexto que procedeu a pesquisa realizada: três CEIMs de Linhares-ES foram pesquisados, um localizado no bairro Interlagos, outro no bairro Jardim Laguna e outro no bairro Palmital, bairros periféricos da cidade. O primeiro contato com as instituições foi exitoso, pois, as profissionais responsáveis pela direção aceitaram, prontamente, a realização da pesquisa. Quatro professoras concordaram participar da coleta de dados e serão identificadas como P1, P2, P3 e P4 para maior privacidade, de acordo com o TCLE.

Em relação a quanto tempo de atuação as professoras possuíam na área da educação, as respostas foram: P1: 22 anos, P2: 33 anos, P3: 7 anos e P4: 2 anos. Percebeu-se um grau de diferença em relação ao tempo de atuação na educação por parte das entrevistadas, pois dois profissionais apresentam tempo de experiência acima de vinte anos enquanto, as outras duas possuem tempo inferior a dez anos. Os dados revelam os diferentes níveis de experiência no trabalho com os bebês, o que poderá influenciar no resultado do trabalho.

Questionadas se já tinham feito a escolha do segmento da educação em que iriam atuar quando concluíssem a faculdade, as entrevistadas responderam que:

P1: Ensino Fundamental, na minha mente era trabalhar de 1º ao 5º ano.

P2: Não, iniciei no Ensino Médio, eu vim de cima para baixo.

P3: Sim, sempre soube que queria trabalhar na Educação Infantil.

P4: Sim, desde o início da faculdade, eu me identifiquei com a Educação Infantil.

As respostas das pesquisadas mostram que duas entrevistadas já preferiam, desde a graduação, atuar na Educação Infantil. As outras duas participantes preferiam, na época da graduação, atuar no Ensino Fundamental e Médio. Isso demonstra que nem sempre os professores atuam na etapa de ensino de sua preferência.

Considerando a escola como um espaço de interações e aprendizados, foi perguntado para as entrevistadas se consideravam o ambiente escolar importante para o bebê. As respostas foram:

P1: Importantíssimo para ele crescer, socializar, interagir e aprender a dividir.

P2: Sim, pois a sala é ampla, com espelho, mesas e cadeiras, banheiro, lactário e solário.

P3: Sim. Porém, o ambiente familiar é muito mais importante.

P4: Não. Para mim, com a idade que eles possuem, é melhor estar com a família.

Diante das respostas apresentadas, duas participantes citam o ambiente familiar como espaços importantes para os bebês. Isso demonstra como elas, ainda que trabalhando na área, não consideram a educação infantil um espaço importante na formação das crianças. De acordo com Barbosa (2010), historicamente, as especificidades e perspectivas dos bebês não são consideradas importantes no contexto escolar.

Foi questionado, então, como as participantes se preparam para desenvolver práticas pedagógicas que realizam hoje com os estudantes bebês. As respostas foram:

P1: A gente trabalha a partir das Orientações Curriculares Municipal diz qual é o objetivo que deve ser atingido com a turma de 1 ano.

P2: Formações e experiência, os cursos.

P3: Por meio de estudos oferecidos pela escola.

P4: Não respondeu à pergunta.

As respostas foram diversas quanto ao aspecto do preparo pedagógico das docentes: a entrevistada P1 menciona as Orientações Curriculares da Rede Municipal de Educação de Linhares-ES (Linhares, 2019) que mostra os objetivos a serem alcançados com a faixa etária trabalhada; as entrevistadas P2 e P3 citam os cursos como uma ferramenta para auxiliar, na prática, com os bebês e, somente a participante P4 não respondeu à pergunta, talvez pelo fato de possuir pouca experiência na área da Educação. O modo como as participantes relatam o preparo de suas práticas pedagógicas evidencia a potencialidade de um currículo diversificado, uma vez que as respostas obtidas manifestam uma gama de possibilidades, como as formações, a experiência, os estudos ofertados e os próprios documentos norteadores que auxiliam na organização das práticas pedagógicas com os bebês.

O documento citado pela docente P1 trabalha os Campos de Experiência que subvertem a lógica disciplinar e artificial de estruturar o conhecimento, levando em consideração um currículo que propicie as experiências. É, por intermédio dele que as profissionais podem propor situações de aprendizagens orientadas para alcançar objetivos de acordo com a idade (Fochi, 2016).

Durante as observações realizadas, percebemos que as professoras dos bebês estimulam a contagem de objetos variados, exploração de brinquedos que fomentam a percepção das cores, contato com fichas contendo fotos para identificar e falar o nome dos colegas e a produção de cartazes. Essas experiências demonstram que as docentes criam oportunidade para a exploração de materiais diversos, mediando os momentos de

aprendizagens e assegurando, também, a intencionalidade do trabalho pedagógico com esses estímulos.

Sobre o auxílio da equipe pedagógica visto a importância para o trabalho com crianças nessa idade, as respostas foram:

P1: Sim, aqui a gente tem suporte na hora de planejar e no material necessário.

P2: Sim, a gente tem muita coisa: não sabe como trabalhar, o que fazer.

P3: Sim.

P4: Às vezes.

Das quatro participantes, três apresentaram resposta positiva em relação ao apoio que recebem da equipe pedagógica, suporte por parte do técnico pedagógico no momento de planejamento e o apoio com recursos para produção de materiais pedagógicos como afirma a docente P1. A participante P2 relata possuir inúmeras formas de realizar o trabalho pedagógico com os bebês, mas diante de tantas maneiras de trabalhar, a docente demonstra dúvidas de como conduzir o trabalho com o berçário. Somente a professora P4 alegou que, às vezes, recebe esse tipo de apoio. A entrevistada em questão, como já mencionado, tem somente dois anos de atuação na área da educação, sendo a participante com menor tempo de experiência como docente.

Perguntamos às entrevistadas se elas possuem experiência anterior como professora de bebês, as respostas foram:

P1: Trabalhei dois anos na turma de um ano; esse ano (2023) é o terceiro.

P2: Sim; trabalhei alguns anos atrás como professora de bebês.

P3: Sim; trabalhei alguns meses nas turmas de bebês.

P4: Não; esse é o meu primeiro ano na turma de bebês.

A maioria das participantes apresentou experiências anteriores nas turmas de bebês. Durante as observações realizadas, percebeu-se que as professoras P1, P2 e P3 se mostraram sempre muito atentas, buscando orientar os bebês nas atividades e acolhendoo-os. Somente a entrevistada P4 relatou não ter experiência com essa faixa etária anteriormente, mas também demonstrou domínio em relação às demandas e à prática pedagógica da turma. Esse dado leva a questionar um ponto da observação: Como essa falta de experiência pode impactar na prática pedagógica da docente?

Tendo como base a fala de Barbosa e Richter (2013), a qual sustenta que estar com bebês e ser professora de crianças pequenas exige uma formação mais específica, foi

questionado se possuem curso ou especialização voltada para o trabalho com bebês. As entrevistadas responderam:

P1: Tenho pós-graduação em Educação Infantil.

P2: Sim. Pós-graduação e formação continuada.

P3: Não, possuo pós-graduação em Educação Infantil e Alfabetização e Letramento.

P4: Não; tenho pós-graduação em Alfabetização e Letramento.

Nota-se que as professoras possuem qualificação, mas não se atentaram ao responderem à pergunta, que diz respeito ao curso ou especialização voltada para a faixa etária em questão. As docentes não possuem formação específica para trabalhar com os bebês, mas dispõem de formação para trabalhar na educação infantil. Apesar do curso de pós-graduação citado pelas participantes incluir o trabalho com as turmas de berçário, isso não demonstra ser suficiente para atender as especificidades dessas crianças, visto que o segmento Educação Infantil contempla também outras idades.

Foi questionado ainda se a instituição em que atuam oferece formação continuada específica para o trabalho com bebês, as professoras responderam:

P1: Não, específico para bebês não tem.

P2: Não. Eu procuro cursos do MEC e sempre leio a BNCC; ela dá um embasamento muito bom sobre como trabalhar com as crianças de todas as idades.

P3: A Secretaria Municipal de Educação (SEME) oferece, porém bem pouco; ela oferece mais para as professoras das turmas de quatro e cinco anos.

P4: A escola oferece estudos nos quais os pedagogos trabalham as habilidades de cada idade conosco.

Os resultados mostram como a formação continuada desses profissionais não é tratada com a importância que deveria ter. As entrevistadas P1, P2 e P3 relataram a carência de uma formação mais específica para os docentes dessa faixa etária. Conforme citado anteriormente, Arce e Silva (2012, p.180) afirmam que “[...] é necessário que o professor tenha conhecimento do desenvolvimento infantil, do que acontece com o bebê nesse período, quais as mudanças ocorridas nessa faixa etária”.

Em relação aos maiores desafios que enfrentam no trabalho educativo com bebês, as entrevistadas relataram:

P1: Adaptação; são bebês e nós somos estranhos para eles.

P2: As primeiras semanas são difíceis; é muito choro; você não sabe quem está chorando e nem o motivo pelo qual está chorando.

P3: A adaptação dos bebês, no início do ano, os cuidados como, por exemplo, a higiene e as mudanças de comportamentos devido ao sono e aos barulhos externos.

P4: A falta de maturidade das crianças em receber os comandos.

A adaptação é o maior desafio apontado pela maior parte das participantes nesse ponto da pesquisa. Tendo em vista que o espaço escolar é um ambiente novo para a criança, que antes só tinha a família como grupo social, esse momento é delicado para elas. Dessa forma, a ajuda da equipe pedagógica e dos profissionais de apoio se torna de extrema importância. Durante as observações, podemos notar a relação de parceria da professora com a monitora⁵, a atenção com os estudantes quanto aos cuidados como banho, troca de fralda e oferta de alimentos. Todos esses pontos observados fazem reafirmar também o cuidar como processo de aprendizagem. O afeto estabelecido e o colo oferecido pelas profissionais trazem um conforto para eles, principalmente, nessa fase da adaptação.

A falta de maturidade apontada pela participante P4 contraria o que diz Barbosa (2010) sobre as inúmeras capacidades dos bebês, dentre elas, as relações sociais e a cognição. Apesar da pouca idade, os bebês são capazes de aprender com os espaços, com os professores, com os colegas e com todo o ambiente que o cerca.

Questionadas se ser professora de bebês foi uma escolha delas, as respostas foram:

P1: Sim, esse ano foi. Porque a coordenação pedagógica, no final do ano, pergunta para a gente qual a turma que temos o desejo de trabalhar e eles pedem para ter duas opções e, se caso houver muitas professoras que queiram a turma de um ano, a coordenação vê quem tem o melhor perfil para trabalhar.

P2: Sim, foi uma escolha minha.

P3: Sim, eu que pedi para ficar com a turma de um ano.

P4: Sim, a pedagoga me perguntou e eu disse que sim, que eu queria trabalhar com a turma de um ano.

Diante das respostas positivas para a pergunta, observa-se que as participantes optaram por trabalhar com os bebês. A participante P1 relata um ponto importante para a escolha do professor que pode vir a trabalhar com a turma de berçário e a fala reforça que o docente precisa ter perfil apropriado para atuar com os bebês, ponto reafirmado pela participante P2 que diz em outro ponto da entrevista: “Você não pode ser um professor

⁵ De acordo com a Lei Complementar N° 51/2017, o Monitor de Educação Infantil é o profissional com ensino médio completo, com 40 horas semanais de trabalho, que auxilia o professor no desenvolvimento de atividades de cuidados básicos essenciais de higiene e alimentação e na realização de atividades educacionais (Linhares, 2017).

teórico, você tem que ser um professor prático com ideias bem lúdicas; se você não for lúdico, não consegue trabalhar com os bebês”.

Interrogamos as professoras como é organizado o planejamento pedagógico para que haja uma aula intencional e produtiva. As respostas desse questionamento foram:

P1: Organizo as minhas aulas a partir das Orientações Curriculares Municipal. O nosso trabalho é organizado a partir de projetos ou sequência didática; atividade com bebês não pode começar hoje e acabar amanhã.

P2: As atividades são organizadas no currículo de acordo com a BNCC; trabalho muito a prática, experimentos e muita ludicidade. Não adianta eu querer trabalhar somente com folha de papel com o bebê.

P3: Organizo de acordo com os objetivos de aprendizagem e a necessidade da turma.

P4: Na segunda-feira, eles estão bastante agitados, então procuro oferecer atividade de interação. Os projetos e as atividades avaliativas aplico nos outros dias da semana.

As respostas apresentadas demonstram que as docentes buscam planejar levando em conta as especificidades dos bebês. A participante P1 aponta as Orientações Curriculares da Rede Municipal de Educação de Linhares-ES (Linhares, 2019) como apoio para planejamento de suas aulas, aliados à rotina para a efetivação de uma aula produtiva. A docente P2 destaca a ludicidade, experimentos e o trabalho prático preconizados pela BNCC (Brasil, 2017). P3 destaca a organização dos objetivos a serem atingidos de acordo com a necessidade da turma. A entrevistada P4 relata sobre oferecer atividades levando em consideração o momento da criança. As respostas dadas demonstram que as profissionais planejam as atividades em consonância com os objetivos de aprendizagem e de desenvolvimento apontados pelos documentos curriculares oficiais (em âmbito municipal e nacional).

A BNCC aponta que: “Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças” (Brasil, 2017, p.37). Desse modo, as respostas mostram que as entrevistadas conseguem alcançar a diversidade dentro do planejamento, com a intenção de priorizar o desenvolvimento da criança, tendo em vista as diferentes perspectivas de suas organizações.

Em seguida, foi questionado acerca do que deveria ser diferente na prática com bebês. As respostas foram:

P1: Ressignificar alguns espaços para os bebês, repouso, relaxamento, mais espaços com tatame e também mais brinquedos voltados para essa faixa etária.

P2: Quanto ao espaço, nós não temos uma sala de vivência e uma brinquedoteca.

P3: A infraestrutura e recursos na sala ajudariam muito em minha prática.

P4: Acho que a estrutura da escola iria ajudar como, por exemplo, possuir espelhos nas salas de aulas, ter banheiros maiores, salas maiores e sem mesas e cadeiras.

A falta de espaço, de recursos e de infraestrutura é destacada pelas participantes quase como consenso. As suas respostas evidenciam que os espaços desses estudantes são precários e limitados, o que pode ser fator que atrapalha o trabalho do docente e o desenvolvimento do bebê. Maluf (2014) afirma que se a instituição Educação Infantil puder proporcionar à criança pequena um espaço com muitas atividades lúdicas, estará propiciando melhores condições para que ela seja apta a, em diferentes circunstâncias, aprender por si mesma, além de conhecer suas capacidades e limitações.

Nas observações feitas, pode-se notar que há cadeiras e mesas nas salas que atrapalham os bebês a se movimentarem e os banheiros são pequenos e não possuem fraldário. Dessa forma, as trocas das fraldas ocorrem na sala de aula. Também é possível observar que há poucos recursos como brinquedos específicos à esta faixa etária, espelhos e ambientes para que os bebês possam interagir entre eles e com o ambiente.

Sobre esse assunto, Fochi (2018) diz que uma das formas de o professor intervir é o modo como ele planeja e organiza os espaços e materiais. A organização deles deve ser no sentido de garantir que os bebês possam criar suas próprias atividades partindo, especialmente, do modo como vão explorando e percebendo o corpo no espaço.

As entrevistadas foram convidadas a relatarem uma experiência positiva com a turma de berçário. As respostas foram as seguintes:

P1: A culminância do projeto de leitura com a apresentação do momento cultural com a música do Seu Lobato.

P2: No trabalho da sequência com cheiros e sabores, onde trabalhamos os ingredientes da história "O sanduíche da Maricota" tendo como culminância um piquenique.

P3: Os meus alunos se desenvolveram bastante do início do ano até agora: a fala, o andar e o correr.

P4: Os meus alunos conseguiram adquirir as habilidades propostas pela BNCC até o momento.

As respostas foram diversas nesse ponto da entrevista. As professoras P1 e P2 relatam experiências positivas com projetos desenvolvidos com as crianças dentro de sala de aula. A docente P1 menciona a rotina como aliada para o sucesso de sua prática. A professora P3 cita os avanços alcançados pelos estudantes a respeito do desenvolvimento motor e da linguagem. Durante as observações, pode-se constatar o desenvolvimento dos

bebês, bem como a autonomia e a evolução da fala desses estudantes, habilidades propostas pela BNCC (Brasil, 2017) de acordo com a resposta da participante P4.

Notou-se, nas observações, que as crianças andam e algumas já correm. A maioria fala palavras pequenas (como, por exemplo: oi, sim, não, tchau, tia e os nomes dos colegas da turma); alguns repetem as frases que a professora diz. Observou-se que o trabalho com leitura, música e projeto dentro de uma rotina bem estruturada pode proporcionar o desenvolvimento e a autonomia das crianças.

Em seguida, foi pedido às entrevistadas que relatassem uma experiência negativa no trabalho com os bebês. Seguem as respostas:

P1: Quando você tem uma turma toda adaptada e chega alunos novos.

P2: Às vezes, alguma coisa que não dá certo, planeja alguma coisa e não ocorre.

P3: A rotina desregulada do sono em casa já me atrapalhou e ainda atrapalha no desenvolvimento das atividades, porque eles dormem pouco em casa durante a manhã e, à tarde na escola, eles sentem muito sono.

P4: As crianças sentem muito sono e, às vezes, atrapalha a realização das atividades.

A participante P1 pontua que a adaptação de novos estudantes na turma atrapalha a rotina já estabelecida; a P2 relata o planejamento que não ocorre como foi idealizado e as participantes P3 e P4 relatam o sono que os bebês sentem ao longo do período em que estão na escola como um fator que prejudica a realização das intervenções.

Diante das respostas das participantes, nota-se o quanto as especificidades dos bebês estão evidentes. O docente tende a adaptar a rotina, o planejamento, a turma com a chegada de um novo bebê e momentos de realização das atividades. Com isso, percebe-se que o trabalho com bebês não é estático ou engessado. Então, educar bebês não significa apenas a constituição e a aplicação de um projeto pedagógico, mas implica em colocar-se, física e emocionalmente, à disposição das crianças, o que exige dos adultos comprometimento e responsabilidade (Barbosa, 2010).

Foi questionado o nível de satisfação das docentes diante do trabalho com os bebês. As entrevistadas relataram:

P1: É dez, amo trabalhar com os bebês, é maravilhoso.

P2: De zero a dez, eu sou onze, eu sou apaixonada por eles.

P3: Me avalio com a nota nove, devido a minha falta de experiência com os bebês.

P4: Me avalio com a nota oito, devido a falta de estrutura e recursos que a escola oferece.

As participantes P1 e P2 avaliaram muito bem o nível de satisfação trabalhando com os bebês. A questão mencionada é muito particular, mas mostra que as participantes

P3 e P4 almejam mais experiência, recursos e estrutura adequada por parte da escola, mas se avaliaram positivamente diante do trabalho com os bebês. Observa-se que, mesmo diante dos desafios de trabalhar com o berçário, as professoras se avaliaram de forma positiva. Esse dado revela que, apesar das incertezas e dúvidas diante do trabalho pedagógico com essa faixa etária, as profissionais se consideram satisfeitas.

Nas visitas às salas de aulas, observou-se as ações das docentes e as relações delas com os bebês. Elas são bastante atenciosas e afetuosas oferecendo colo e auxílio quando necessário e alguns bebês demonstram ter um apego intenso com a professora, não aceitando ninguém mais para pegá-los no colo.

Tendo em vista o tema principal da pesquisa, perguntou-se às entrevistadas qual é a função do professor de bebês. As respostas foram:

P1: A nossa função com os bebês, é garantir o bem-estar deles, a segurança e promover a aprendizagem, então a gente está o tempo todo cuidando e educando.

P2: A gente sabe que a educação infantil perpassa muito pelo cuidar, e a turminha de um ano muito mais, então a função do professor é cuidar e educar

P3: Eu vejo que o meu serviço é educar e cuidar.

P4: Ajudar a criança a conviver socialmente e estimular a fala e o movimento.

Para as professoras P1, P2 e P3 a função delas nas turmas de bebês é cuidar e educar; para a professora P4 é auxiliar no desenvolvimento social, motor e na fala. Com as respostas dessa pergunta, entende-se que, para as professoras, o cuidar e o educar são de suma importância, não havendo predomínio de uma ação sobre a outra.

Por fim, perguntamos qual a percepção da família sobre a função das professoras das turmas de um ano. Sobre essa questão, as respostas foram:

P1: As famílias ainda entendem a gente apenas como cuidador, muitos não veem a nossa função como educador.

P2: A família de criança de um ano entrega o seu maior tesouro na escola, eu sinto muito respeito pelas famílias. Eu trabalho bastante sequência de atividade, coisas animadas e envolvo a família muito no que faço.

P3: Para a família, o bebê vem para escola só para brincar e passar o tempo.

P4: A família me vê como cuidadora. No final da aula, os pais só me perguntam se a criança comeu, fez xixi e cocô, não me perguntam o que a criança aprendeu.

Na percepção das professoras P1, P3 e P4, as famílias as consideram como cuidadoras e não como educadoras. A professora P2 não respondeu sobre a percepção da família, apenas falou do trabalho dela. Assim, observa-se a necessidade de um trabalho conjunto (envolvendo toda comunidade escolar) no sentido de conscientizar as famílias

que o professor de educação infantil não está ali somente para cuidar da criança, mas, sim, contribuir para o seu desenvolvimento integral em aspectos físicos, psicológico, intelectual e social.

Considerações Finais

Os dados revelam que as docentes encontram dificuldades em construir boas práticas por falta de espaços adequados de acordo com a faixa etária e carência de recursos. Salienta-se, ainda, que a percepção dos familiares frente ao trabalho com os bebês ainda se mostra estigmatizado, pois as docentes revelam que a profissão ainda simboliza um trabalho assistencialista. Acrescenta-se também que as informações mostram que as docentes possuem formação para trabalhar na Educação Infantil, mas há ausência de uma formação mais específica para o trabalho com os bebês.

Por outro lado, as respostas coletadas, nesta pesquisa, também mostram as possibilidades diante do trabalho com os bebês. Os dados revelam que diante de um planejamento diversificado para desenvolver plenamente o bebê, há evidências de que as docentes se baseiam em experimentos, ludicidade como forma de envolver os bebês, além de projetos com intencionalidade e rotina para melhor adaptação.

As Orientações Curriculares da Rede Municipal de Educação de Linhares-ES (Linhares, 2019) e a BNCC (Brasil, 2017) também caracterizam as oportunidades no trabalho com os bebês, uma vez que são os educadores os responsáveis por direcionar o trabalho docente. Enfatiza, ainda, a importância do auxílio por parte da equipe pedagógica frente às dúvidas e incertezas no exercício da profissão.

As docentes apresentam visões diferentes sobre a importância do ambiente escolar, isso demonstra que, mesmo diante de uma perspectiva inferior frente às capacidades das crianças, entendem que a turma do berçário é capaz de se desenvolver integralmente por intermédio das contribuições do ambiente escolar, das interações sociais e das intervenções do próprio profissional.

O estudo do trabalho com os bebês desempenha um papel vital na formação acadêmica dos estudantes de pedagogia, pois fornece os fundamentos necessários para a compreensão do desenvolvimento das crianças desde as primeiras fases da vida. As interações precoces com os bebês não só melhoram as competências práticas dos futuros educadores, mas também promovem uma compreensão mais profunda das necessidades emocionais, cognitivas e sociais das crianças nos seus primeiros anos.

Portanto, há muito o que pesquisar sobre como trabalhar com os bebês em suas especificidades e rotinas. Além disso, deve-se levar em consideração, durante estudos futuros que, devido ao caráter geral do tratamento das disciplinas, o currículo pedagógico não é específico, uma vez que não foca nas necessidades intrínsecas dos profissionais de formação que trabalha com bebês e/ou crianças pequenas.

Os bebês requerem atenção e cuidados prolongados, sendo que um dos grandes compromissos dos adultos é acolher adequadamente esses novos membros da sociedade. Espera-se, portanto, que as escolas assumam a responsabilidade de compartilhar e complementar a educação e o cuidado das crianças com suas famílias.

Referências

ARCE, A.; SILVA, J. C. **É possível ensinar no berçário?** O ensino como eixo articulador do trabalho com bebês (6 meses a 1 ano de idade). *In*: MARTINS, L. M. Ensinando aos pequenos de zero a três anos. 3. ed. Campinas, SP: Ed. Alínea, 2012.

ÁVILA, L. de S. **BNCC, bebês e as experiências**: um longo caminho. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/35367/35367.PDF>>. Acesso em: 13 ago. 2023.

BAHIA, C. da C. S.; MOCHIUTTI, S.; TRINDADE, M. P. **Formação e prática de professores de bebês**: entrelaços com o curso de especialização em docência na educação infantil na Universidade Federal do Pará. v. 6, n. 9, p. 73238–73252, 2020. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/17464>>. Acesso em: 10 set. 2023.

BAHIA, C. da C.; MOCHIUTTI, S. Docência com bebês: uma experiência de investigação-formação. *In*: COSTA, E. F. (Org.). **Psicologia em foco**: Temas Contemporâneos. São Paulo: Editora Científica, 2011.

BARBOSA, M. C. As especificidades da ação pedagógica com os bebês. **Anais do I Seminário Nacional**: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

BARBOSA, M. C. S. **Projeto de cooperação técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a Educação Infantil**. Práticas cotidianas na educação infantil–bases para a reflexão sobre as orientações curriculares. Brasília: MEC/UFRGS, 2009.

BARBOSA, M. C. S.; RICHTER, S. S. **Creche**: uma estranha no ninho educacional. *Dialogia*, São Paulo, n.17, p.75-92, 2013.

BEE H.; BOYD D. **A criança em desenvolvimento**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017.

Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2023.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** Brasília:

MEC, 2010. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2023.

FLORES, M. L. R. **Conversando com educadoras e educadores de berçário:**

relações de gênero e de classe na Educação Infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2000.

FOCHI, P. S. A didática dos campos de experiência. **Revista Pátio Educação Infantil**, nº 49. Porto Alegre, RS: Grupo A, 2016.

FOCHI, P. S. Prefácio. *In: SILVA et al. Educação de bebês: cuidar e educar para o desenvolvimento*. 2. ed. São Carlos/SP: Pedro & João, 2018.

HAI, A. A. **Educação infantil: alimentação, neurociência e tecnologia**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2018.

LINHARES. **Lei Complementar nº 51, de 29 de dezembro de 2017**. Disponível em:

<<https://legislacaocompilada.com.br/linhares/Arquivo/Documents/legislacao/C/C512017.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2023.

LINHARES. **Orientações Curriculares da Rede Municipal de Educação de**

Linhares. Prefeitura de Linhares/Secretaria Municipal de Educação: Linhares, 2019.

MALUF, A. C. M. **Atividades lúdicas para a educação infantil: conceitos, orientações e práticas**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MARTINS FILHO, A. J. **Educar na creche: uma prática construída com os bebês e para os bebês**. Porto Alegre: Mediação, 2016.

NASCIMENTO, E. C. M. do; LIRA, A. C. M. Docência com crianças de 0 a 3 anos e as ações de cuidado e Brincadeiras. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente-SP, v. 29, n. 2, Mai./Ago., 2018. Disponível em:

<<file:///C:/Users/ADM/Downloads/4567-Texto%20do%20Artigo-22068-22022-10-20181224.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SANTOS, M. O. dos. **O lugar dos bebês é de suas infâncias nas práticas pedagógicas em instituições do proinfância**. Bahia, 2013.